

## **IBGE mostra que 26,3 milhões de pessoas estão sem emprego**

*Taxa composta de subutilização da força de trabalho recuou de 23,8% no terceiro trimestre de 2017 para 23,6% no quarto*

### **ESTADÃO CONTEÚDO**

A taxa composta de subutilização da força de trabalho recuou de 23,8% no terceiro trimestre de 2017 para 23,6% no quarto trimestre do ano, segundo os dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua (Pnad Contínua) trimestral, divulgados nesta sexta-feira, 23, pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE).

O resultado equivale a dizer que faltava trabalho para 26,3 milhões de pessoas no País no quarto trimestre do ano passado.

A taxa média de subutilização da força de trabalho no ano de 2017 foi de 23,8%, ou seja, faltou trabalho, em média, para 26,5 milhões de pessoas em 2017.

O indicador inclui a taxa de desocupação, a taxa de subocupação por insuficiência de horas e a taxa da força de trabalho potencial, pessoas que não estão em busca de emprego, mas estariam disponíveis para trabalhar.

No quarto trimestre de 2016, a taxa de subutilização da força de trabalho estava mais baixa, em 22,2%.

A taxa combinada de subocupação por insuficiência de horas trabalhadas e desocupação foi de 18% no quarto trimestre de 2017. Havia o equivalente a 6,5 milhões de trabalhadores subocupados por insuficiência de horas trabalhadas e 12,3 milhões de desocupados.

No trimestre imediatamente anterior, o indicador tinha ficado em 18,5%. A taxa média do ano foi de 18,4%.

O indicador inclui as pessoas ocupadas com uma jornada inferior a 40 horas semanais que gostariam de trabalhar por um período maior, somadas às pessoas que buscam emprego.

# INFORME

Já a taxa combinada da desocupação e da força de trabalho potencial - que abrange as pessoas que gostariam de trabalhar, mas não procuraram trabalho, ou que procuraram mas não estavam disponíveis para trabalhar (força de trabalho potencial) - foi de 17,8% no quarto trimestre de 2017, o que representa 20 milhões de pessoas nessa condição.

No terceiro trimestre, essa taxa estava em 18,3%. A taxa média do ano foi de 18,4%.

## **Prévia da confiança da indústria sobe em fevereiro ao maior patamar em mais de 4 anos, diz FGV**

*Desempenho foi puxado por melhora das expectativas, enquanto percepção sobre situação atual piorou*

### **REUTERS**

SÃO PAULO - A prévia do Índice de Confiança da Indústria (ICI) apontou melhora em fevereiro, o melhor desempenho em mais de quatro anos, informou a Fundação Getúlio Vargas (FGV) nesta sexta-feira.

Em fevereiro, a prévia do ICI subiu 0,2 ponto, para 99,6 pontos, após estabilidade da confiança em janeiro e marcando o melhor resultado desde outubro de 2013, quando esteve em 99,9 pontos.

Segundo a FGV, "a ligeira alta da confiança combinaria melhora das expectativas com piora das avaliações sobre o momento presente".

O Índice de Expectativas (IE) subiu 2,6 pontos neste mês, para 100,6 pontos, o maior desde setembro de 2013. Já o Índice da Situação Atual (ISA) recuou a 98,5 pontos, mesmo nível de dezembro passado, ao reverter a alta de 2,4 pontos de janeiro.

A FGV informou ainda que o Nível de Utilização da Capacidade Instalada da Indústria teria avanço de 0,6 ponto percentual segundo o resultado preliminar de fevereiro, para 75,3 por cento, o melhor resultado desde junho de 2015 (75,8 por cento).

Em 2017, a produção industrial do Brasil registrou alta de 2,5 por cento e terminou no azul após três anos de perdas, com destaque para a recuperação dos investimentos.

## **Turismo teve saldo negativo de 12 mil vagas formais em 2017**

### **DA REDAÇÃO E AGÊNCIAS - SÃO PAULO**

O saldo entre contratações e demissões no setor do turismo ficou negativo em 2017, sinalizando para o fechamento de 12.690 vagas de emprego formal no período.

As informações são da Confederação Nacional do Comércio de Bens, Serviços e Turismo (CNC), com base em dados do Cadastro Geral de Empregados e Desempregados (Caged) mantido pelo Ministério do Trabalho.

“As atividades inerentes ao turismo vêm sendo afetadas pelas condições da economia, como a queda da procura.

Os ajustes orçamentários e as escolhas que as famílias realizaram nos últimos anos devido ao desemprego e à alta dos preços e dos juros atingiram, sobretudo, os ramos das atividades econômicas ligados ao lazer e às necessidades secundárias”, afirmou a entidade, em nota.

O cenário negativo foi puxado pelo estado do Rio de Janeiro, onde 19.628 postos de trabalho foram fechados.

Alguns estados, por sua vez, fecharam o ano com saldo positivo. Foi o caso em São Paulo (7.481 postos criados), Goiás (1.864 vagas), Paraná (1.301) e Santa Catarina (1.092).

No Nordeste, os destaques ficaram com Ceará (773) e Piauí (498).

O contingente de pessoas ocupadas formalmente no turismo encerrou 2017 em 2,921 milhões.

Desse total, 65,3%, ou 1,907 milhão, estavam no segmento de hospedagem e alimentação – ou os dois que mais sustentaram empregos formais no ano.

(Fonte: DCI – 23/02/2018)

## Emprego com carteira assinada volta, mas com baixa qualificação

*Empresas estão em busca de profissionais 'bons e baratos', mostra pesquisa da CNC*

*Daniela Amorim e Vinicius Neder, O Estado de S.Paulo*

RIO - Depois de três anos de queda, a geração de **empregos formais** deve voltar a ser positiva no País em 2018. Esse crescimento, no entanto, ainda se dará por meio de vagas que exigem uma qualificação mais baixa – mas que, em geral, são ocupadas por candidatos com nível de escolaridade maior. As empresas estão em busca de profissionais 'bons e baratos'.

É o que mostra um estudo da Confederação Nacional do Comércio de Bens, Serviços e Turismo (CNC), feito a pedido do **Estadão/Broadcast**. O levantamento traça um perfil das vagas geradas no ano passado. As profissões que mais absorveram empregados em 2017 estavam na atividade industrial e nos serviços. E, em geral, **foram funções que exigem pouca qualificação**, como alimentador de linha de produção, faxineiro, atendente de lojas e mercados, embalador a mão, auxiliar de escritório e repositor de mercadorias.

Os candidatos selecionados para essas vagas tinham um perfil bem específico: homens jovens, com até 24 anos de idade, e nível de escolaridade mais elevado, com pelo menos o ensino médio completo.

“As empresas estão com um poder de barganha enorme para escolher o bom e barato. O bom é o qualificado, e o barato é o jovem”, explicou Fabio Bentes, chefe da Divisão Econômica da CNC, responsável pelo levantamento.

**Carteira assinada.** Quem conseguiu se reposicionar, no entanto, não vê motivos para reclamação. O técnico em mecatrônica Rherison Walter Brandão da Silva, de 29 anos, por exemplo, aproveitou a recuperação da indústria automobilística para retornar ao setor no ano passado. Foi contratado como operador de logística na fábrica da Nissan, em Resende, no lado fluminense do Vale do Paraíba, onde está o polo automotivo do Estado do Rio.

Silva já havia trabalhado, por dois anos, em outra fábrica da região – onde há plantas da PSA Peugeot Citroën e da MAN Latin America. Em 2012, foi demitido, quando a unidade em que trabalhava encerrou o terceiro turno. Desempregado, foi obrigado a trancar a 4

# INFORME

faculdade de administração, na Universidade Estácio de Sá, e procurar trabalho em outra área.

Agora, Silva está otimista na retomada da carreira na indústria. Com o novo emprego, o técnico, que vinha ganhando a vida instalando câmeras de segurança e portões eletrônicos, destrancou a faculdade e vai se formar no fim deste semestre. O salário na Nissan pesou menos do que a perspectiva de crescer na empresa. “Eu ganhava mais, porém, com os benefícios que tenho aqui, acaba que fica a mesma coisa. A questão do futuro influenciou muito”, disse Silva, que também já está fazendo curso de inglês.

Segundo Cimar Azeredo, coordenador de Trabalho e Rendimento do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), é natural que trabalhadores que foram demitidos durante a crise retornem ao mercado em funções menos qualificadas ou com salários mais baixos. “É preciso esperar até que a conjuntura econômica esteja mais favorável para conseguir se recolocar da forma que você deseja”, afirmou Azeredo.

**Projeções.** Nos últimos três anos, a **destruição de empregos com carteira assinada no País foi enorme**: 1,5 milhão de vagas a menos em 2015, 1,3 milhão em 2016 e 20 mil no ano passado. Para este ano, a CNC estima que o mercado de trabalho formal registre um saldo positivo de cerca de 600 mil vagas. Mas, segundo Bentes, o padrão de 2017, com foco na baixa qualificação, ainda deverá se manter.

O Instituto Brasileiro de Economia da Fundação Getúlio Vargas (Ibre/FGV) também tem perspectivas positivas para o ano: estima que sejam criadas aproximadamente 500 mil vagas com carteira. “Será um ano de recuperação do emprego formal, mas, possivelmente, o aumento será ainda maior nas ocupações informais”, disse Fernando de Holanda Barbosa Filho, pesquisador do Ibre/FGV.

No ano passado, de acordo com dados do IBGE, a maior parte das vagas de emprego criadas no Brasil foram no mercado informal.

(Fonte: Estado de SP – 23/02/2018)